

A ACESSIBILIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS ATIVIDADES ESPORTIVAS ADAPTADAS

LEANDRO VARGAS

KARYNE SOBREIRO

LUCIANO SANTAROSA FERNANDES

Centro Universitário Metodista, do IPA – Porto Alegre, RS, Brasil

leandro.vargas@metodistadosul.edu.br

INTRODUÇÃO

Durante a nossa vida profissional, como educadores da área de Educação Física, temos observado questões sociais que adquiriram nuances específicas dentro do contexto do esporte adaptado, as quais geraram um mote desafiador para uma investigação que possibilite articular teoria e prática em busca de subsídios que apontem para uma possível transformação social relacionada às pessoas com deficiência especialmente no que diz respeito ao acesso do grupo estudado. Nesse sentido, desenvolvemos este artigo, que remete a uma análise dos processos de acessibilidade das pessoas com deficiência no esporte adaptado e uma possível “inclusão social” por intermédio dessa prática esportiva.

Para tanto, é importante ressaltar que, nas mais diversas sociedades, ao longo da história, houve uma espécie de “seleção natural” com relação às pessoas portadoras de deficiências. Loucos, leprosos, aleijados, cegos etc., eram estigmatizados e afastados do convívio social.

No começo da humanidade, o processo seletivo era baseado na capacidade física de forma geral. O processo denominado por Darwin de seleção natural, conforme argumenta Glat (1998), aponta a questão de que, quando surgiram os primeiros seres humanos, somente os mais fortes e com maior capacidade de lidar com eficiência com o meio ambiente sobreviveram. No entanto, a partir do momento em que começa a ocorrer o desenvolvimento da civilização, com os avanços tecnológicos e científicos, em especial aqueles relacionados à medicina e à saúde, a sociedade tornou-se mais propensa a buscar soluções para os considerados “não normais”.

REFERENCIAL TEÓRICO

ESFERA PÚBLICA

Analisando a história da relação entre as esferas públicas e privadas, considera que muitas das questões prementes na América Latina têm origens no período colonial; ela está marcada, de um lado, pela continuidade cultural e, por outro, pela descontinuidade política.

Hoje um fator que alimenta a crescente dependência da política com a cultura é a mídia, visto ser este um veículo quase homogêneo no que tange à exposição da cultura popular. Paradoxalmente, ela vem sendo, por meio dos seus elementos, uma das poucas formas em que a esfera pública se evidencia. Esta e levada ao fracasso, uma vez que estes espaços a reconhecem como desnecessária e que as soluções para as necessidades devem ser realizadas pela valorização e reconhecimento público da vida privada.

O populismo do século XX é resultado desse processo. O controle passa a ser gerido por uma pessoa (personalismo), identificado pelas nações como um pai, que, por sua vez, vê a população como seus filhos – incapazes de governarem a si próprios. Não há nessa dinâmica mediação institucional.

O significado da esfera pública e a forma que ela se assume tem implicações concretas para a formação de fenômenos psicossociais. Para Jovchelovitch (2000), a vida pública não é uma estrutura externa influenciando a privada, mas um dos seus elementos constituintes. A

influência, contudo, do ideário positivista fez com que as dimensões sociais fossem vistas apenas como variáveis da construção das representações dos indivíduos.

Para elucidação do objeto de análise, Jovchelovitch (2000) traz para o bojo das suas interpretações a compreensão da esfera pública na polis Grega. Para isso, baseia-se, novamente, em Hanna Arendt.

Para essa autora, a polis Grega é a origem dos sentidos público/privado. Nesta organização social, o convívio não é uma condição humana. Contudo, ele assim será, quando for norteadado pela Ação e Política. Ao resto, era designado o rótulo de necessidades biológicas, e, por isso, privada. A política, nesse contexto, baseava-se na pluralidade humana, considerando que sem ela não teria a possibilidade de diálogo. Porém pondera que o totalmente diferente também não poderia ser dos escravos nesses espaços.

Para finalizar, Jovchelovitch (2000) expressa as suas considerações a respeito do que pensa sobre a esfera pública. Inicia sua apreciação apregoando a valorização dela como um espaço por excelência da intersubjetividade, calcada na pluralidade, interpelando uma interpretação psicossocial ao tema. É importante, segundo ela, romper com a representação generalizada do outro, como “sem-face” ou “qualquer coisa”.

A partir dessa reflexão sobre a esfera pública, fica o questionamento de que ela não é igualmente ocupada por todos os sujeitos sociais (incluindo os “diferentes”), que, na ação e no discurso, poderiam encaminhar as diferenças sem produzir exclusões.

A estigmatização gerada pela deficiência por si só caracteriza esse sujeito como ‘diferente’, mas isso não refere necessariamente que esse sujeito não esteja incluído, que não seja pertencente de algum grupo social. Assim os esportes adaptados surgem como uma solução para a ambientação desses sujeitos.

Sendo assim, faz-se necessário entender melhor a questão da deficiência. De acordo com Elias, Monteiro e Chaves (2008), a deficiência necessita de uma abordagem em quatro diferentes níveis: o clínico, o de reabilitação, o social e o político. Os autores afirmam também que a pobreza e a deficiência “estão fortemente relacionadas” (2008, p.1041). Acrescentam que “estigma, discriminação e incapacidade física e financeira limitam o acesso à educação e saúde” e que, “embora a Constituição Federal inclua direitos a pacientes deficientes, dando acesso à saúde e educação, eles não são obtidos nem respeitados”.

Para Matos e Luz (2009 p.498), as “transformações sociais e éticas no mundo do trabalho capitalista” apontam como principais consequências a “destruição dos laços sociais e a perda de sentidos no trabalho”, gerando, assim, uma “instabilidade emocional, isolamento social e desamparo”. Para os autores:

A competição (vista como lei da vida social), o sucesso (visto como vitória pessoal, com conseqüente exclusão ou dominação do outro), o individualismo (visto como condição do sucesso), o lucro (categoria que invade a esfera de todos os valores), a vantagem sobre o outro e o consumismo tornaram-se os grandes valores sociais da atualidade. Isso tem provocado a perda do ‘estar junto’. As pessoas são estimuladas ao individualismo e ao isolamento para conquistar sempre novos postos. (MATOS E LUZ, 2009, p. 498-499)

Para os autores, isso ainda acarreta a perda dos laços sociais e também dos sentidos culturais e ainda dos sentimentos e das “atividades relativas ao pertencimento a um grupo social, ao “nós”. No entanto, essa perda não provoca apenas poucos efeitos na sociedade; pelo contrário, faz com que haja o aumento do “mal-estar social” e do “sofrimento”, fazendo com as pessoas se tornem “mais frágeis e vulneráveis”. (MATOS E LUZ, 2009, p.499)

É a partir de uma atividade física ou do exercício físico coletivo que são tecidos “padrões alternativos de relações sociais, gestando novas formas de sociabilidade e criando microrrelações sociais baseadas no afeto e na cordialidade”.

METODOLOGIA

Para dar conta de aspectos relacionados a acessibilidade das pessoas com deficiência dentro e fora do espaço da prática esportiva, empregamos uma abordagem de observação participante, articulada com entrevistas abertas e questionários.

Para tanto, utilizamos o sistema de pesquisa qualitativa, para interpretar a situação social existente no âmbito dos grupos. Nessa perspectiva, argumenta Minayo et al. (1999, p.22), “O conjunto de dados quantitativos e qualitativos; porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

Becker (1999) afirma que o observador participante, no processo de coleta de dados, segundo sua escolha de ser participante em caráter integral, coloca-se na vida da comunidade, podendo ver, durante certo período de tempo, o que normalmente as pessoas fazem enquanto realizam suas atividades. O observador participante registra suas observações de forma breve depois de fazê-las. Observa os tipos de pessoas que interagem umas com as outras, conteúdos e consequências da interação e como ela é discutida e avaliada pelos participantes e outros ao final de cada evento. Ele busca registrar esse material de forma mais completa possível, por meio de relatos detalhados de ações e mapas de localização dos indivíduos, enquanto atua com transcrições literais das conversações.

Em momentos diferentes do dia, realizamos observações, procurando diferentes grupos das instituições, conforme o trabalho de campo, e, depois, procuramos casos antagônicos às hipóteses previstas.

Neste estudo etnográfico, acredito, como Humphreys (1974, p.156), “[...] que os métodos etnográficos sejam os únicos verdadeiramente empíricos para o cientista social”. Realizamos observações participantes, com relatório diário, nos meses de março, abril e maio de 2009. Acompanhamos as atividades esportivas dos grupos em foco, uma vez por semana, no final de cada atividade diária, relatamos minuciosamente todas as situações ocorridas em nosso diário de campo.

A entrevista focalizada ou aberta, segundo Becker (1999), não cumpre um roteiro preestabelecido, e o entrevistador centra a conversa no aprofundamento de tema(s), e, assim, o respondente tem a liberdade de falar livremente sobre ele(s). O(s) tema(s) pode(m) ser mencionado(s) diretamente, ou conduzir de forma sutil o entrevistado em direção a ele(s) ou pode(m) ser evocado(s) com a utilização de técnicas visuais, como quadros, pinturas ou fotos. As entrevistas foram realizadas com todos os principais segmentos com atuação nos grupos escolhidos – praticantes e professores. Essas entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise.

ANÁLISE DE DADOS

ACESSIBILIDADE E DESLOCAMENTO (POLÍTICAS PÚBLICAS)

A presente descrição foca o tema das condições de acesso e de deslocamento dos participantes ao prédio da piscina, aos vestiários, bem como ao tanque da piscina para o desenvolvimento das atividades do Projeto Paradesporto IPA.

A maior dificuldade de acesso e deslocamento é o grupo que participa das atividades desenvolvidas nas instalações do IPA em especial os que desenvolvem suas atividades na modalidade de natação.

A descrição da observação tem o objetivo de informar ao leitor as instalações do prédio onde o projeto do IPA ocorre:

O prédio onde se localiza o complexo aquático também possui outras salas de estudo, um laboratório de informática, uma sala de ginástica de grupo e uma sala de musculação. O prédio possui dois andares, com escadas para acesso e um elevador próprio para uso de pessoas com deficiências, que, no momento da observação, não estava funcionando. (Observação número 1)

Até o ano de 2005, o IPA tinha a entrada para o estacionamento e para pedestres

exatamente na frente do prédio G (piscina). Por motivos de engenharia de trânsito, acabou sendo vetada a entrada por esse local, pois isso ocasionava uma lentidão enorme, que inviabilizava a fluidez do trânsito em horários de grande fluxo, fato muito bem relatado na fala da participante Rafaela:

Está tudo muito bem, o único problema que eu vejo é que poderiam abrir o portão que está na frente do acesso ao prédio G, pois facilitaria o nosso trajeto. (Entrevista número 1)

A solicitação da participante Rafaela faz sentido, pois a entrada a que ela se refere fica exatamente em frente ao prédio da piscina, e a parada de ônibus fica a 10 metros dessa entrada. Considerando-se a entrada atual, é preciso caminhar em torno de 60 metros de lomba, trajetos íngremes e tortuosos que dificultam o acesso para uma deficiente visual. Visando minimizar o problema daqueles que possuem carro, a instituição solicitou à empresa responsável pelo estacionamento, E1, que fossem colocadas duas vagas para os deficientes bem em frente à entrada do prédio da piscina, para diminuir o deslocamento.

Houve alteração nesse acesso, pois, no primeiro momento, existia somente acesso pelas escadas (dois lances). No ano de 2008, após solicitação à direção, foi transferido um elevador que já existia na instituição para o prédio G, que levava as pessoas com deficiência do 1º ao 2º andar (vestiários e piscina). O elevador esteve em funcionamento durante 10 meses, até o momento em que um participante do projeto ficou trancado dentro dele, sentindo-se mal e manifestando fobia à situação. Após esse incidente, infelizmente, o elevador foi interditado. Depois de exaustivas tentativas de conserto, a equipe técnica constatou que se tratava de um elevador para uso exclusivo de cargas, equipamento diferente do elevador para cargas humanas. Portanto, não foi instalado o modelo adequado para uso de pessoas com deficiência.

Após a chegada ao 2º andar, pelo elevador ou pela escada, os praticantes se dirigem aos vestiários para a troca de roupas. No início do projeto, alguns demonstravam dificuldades na chegada e saída dos vestiários, em especial os cadeirantes, pois as rodas trancavam nos “buracos” das portas no chão, assim como nas paredes estreitas do vestiário masculino.

O acesso à piscina é difícil, em virtude da borda da piscina, pois a única maneira dos praticantes entrarem na piscina é pelos degraus das escadas e/ou sentando na borda e “atirando-se” para dentro da água, já que a escada inviabiliza a entrada de cadeirantes. Em 2008, a coordenação do projeto tentou com a instituição a aquisição de um “elevador” manual exatamente para esse público específico poder entrar na piscina de maneira mais tranquila, já que esse equipamento tem uma estrutura fixa, que fica na borda da piscina com um balanço em formato de rede, no qual a pessoa é colocada sentada e é girada para dentro da piscina e baixada para dentro d’água.

Ainda em relação à acessibilidade ao tanque (entrada e saída da piscina), pudemos observar que são realizadas basicamente por duas escadas de acesso, com quatro degraus na vertical. A escada disposta desta maneira não é específica para as pessoas com deficiência. Alguns participantes recebem auxílio de professores e estagiários para esse momento de aula/treino, pois há dificuldade tanto para os paralisados de membros inferiores quanto para os deficientes visuais. As observações ilustram esse fato:

Para a entrada na água as pessoas podem utilizar duas escadas simples, dispostas uma em cada lado da piscina (Observação número 6).

É interessante observar que, mesmo com essas dificuldades, se tornou possível verificar o lado positivo do projeto no que diz respeito ao acesso ao IPA. O relato que posso destacar é da participante Luciana relatou, de forma emocionada, a respeito da autonomia conquistada; ela precisa pegar dois ônibus para se dirigir ao IPA:

Ir sozinha ao IPA é uma realização. (Entrevista número 3)

A seguinte observação reforça esse depoimento:

Julio e Carolina chegaram por volta das 16h30min. Ele, acompanhado pelo seu pai e Carolina, sozinha, pois ela apresenta autonomia e autoconfiança para fazer várias

atividades sem auxílio. (Observação número 9)

Todas as segundas-feiras os responsáveis pelo Projeto Paradesporto natação IPA fazem reuniões periódicas, nas quais abordam determinados assuntos, na busca de melhorias em vários aspectos para o projeto (acessibilidade, busca de parcerias e patrocínios, busca de competições fora de Porto Alegre), tendo em vista que outros estados estão mais avançados em seus projetos esportivos com pessoas com deficiência (confecção de uniformes para a equipe competitiva, melhores materiais para utilizar nos treinos, entre outros). Em reunião do dia 06 de maio de 2008 – da qual participamos como observadores –, surgiu uma proposta interessante da professora Cristina em relação à melhoria da acessibilidade, já que não mais poderíamos contar com o elevador, conforme a observação seguinte:

A professora Cristina sugeriu a construção de uma rampa de acesso ao andar da piscina (tanque), tendo em vista o problema relatado anteriormente do elevador, que é de uso exclusivo para carga e não para o transporte de pessoas, o que dificulta e inviabiliza a continuidade da participação de alguns atletas cadeirantes, pois tem dois lances de escada (Observação número 10).

Imediatamente, houve contato telefônico com o coordenador do curso de educação física, para que fosse avaliada a possibilidade da construção da referida rampa. O coordenador disse que conversaria com o departamento de projetos da instituição para verificar a possibilidade da obra, o que seria um salto de qualidade importante para o Projeto Paradesporto IPA.

Verifiquei que o projeto tem um grande potencial de expansão e atendimento, sendo limitado pelo acesso principalmente à piscina e à sala de musculação, o que reduz o número de participantes. Finalizada a primeira categoria de análise, pudemos iniciar as reflexões relativas aos conteúdos da participação dos integrantes do Projeto Paradesporto IPA nas atividades desenvolvidas nos treinos e eventos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário apresentado, observamos que a participação das pessoas com deficiência nessa atividade é bastante comprometida, apesar dos problemas de acessibilidade urbana; existem mais dificuldades do que facilidades nesse processo. Os depoimentos dos participantes indicam que a cidade, como um todo, é carente no que diz respeito a adaptações ou ao cumprimento da legislação focada no indivíduo com deficiência física, o que impede sua autonomia.

Destaco também a dificuldade enfrentada pelos entrevistados em verificar o devido cumprimento da legislação pertinente ao tema. Por exemplo, a adequação das vias públicas nos itens rebaixamento de meio-fio ou paradas de ônibus próximas ao destino.

A ação prática da atividade do esporte ou do lazer não é, em si, o principal fator que impede as pessoas com deficiência de se integrarem ou de se inserirem nos poucos projetos existentes nos centros investigados, e sim a impossibilidade de acesso e deslocamento aos centros esportivos. O acesso às atividades está diretamente ligado, segundo os sujeitos pesquisados, à disponibilidade de “caminhos” e espaços com adequações suficientes para o ir e vir autônomo e independente.

Ao se pensar no que vem a ser “existir acessibilidade”, é importante ter o olhar do outro, do sujeito com deficiência. Por vezes, não se consegue entender o que é ter dificuldade na locomoção ou na percepção de algo. O simples ato de se deslocar, de ultrapassar uma pequena barreira, como a de subir uma calçada, que para indivíduos sem algum tipo de deficiência é tão simples e normal, para um cadeirante, por exemplo, pode ser decisivo em sua participação em atividades de esporte ou lazer. Quando se amplia a visão para os diversos movimentos e/ou barreiras existentes, algumas naturais às práticas de esporte e de lazer, consegue-se ter uma vaga ideia das dificuldades enfrentadas por essa população.

REFERENCIAS

BECKER, Howard S. **Observação Social e Estudos de Caso Sociais. In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** 4. ed. Traduzido por Marco Estevão; Renato Aguiar. São

Paulo: Hucitec, 1999

ELIAS, Margareth; MONTEIRO, Lúcia; e Chaves, Célia. **Acessibilidade a benefícios legais disponíveis no Rio de Janeiro para portadores de deficiência física.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(3):1041-1050, 2008. Disponível em:

www.integrando.org.br/article.php?id_article=654 Acesso em: 4 janeiro de 2011, as 21:03

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GLAT, Rosana. **A integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

HUMPHREYS, Laud. **A transação da Sala de Chá: Sexo Impessoal em Lugares Públicos.**

In: A Observação Sociológica. Matilda White Riley e Edward E. Nelson, orgs. Rio de Janeiro:

Zahar 1974.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MATOS, Rafael da Silva; e LUZ, Madel Therezinha. **Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade.** *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 19 [2]: 489-507, 2009. disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000200014.

acesso em: 4 de janeiro de 2011, as 21:28.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Et al. (Org.). **Pesquisa Social.** Petrópolis: Vozes, 1999

Rua Joaquim Pedro Salgado, 80 – Rio Branco – Porto Alegre- RS – CEP: 90420-180

Telefone: (55) 51 33161276

Leandro.vargas@metodistadosul.edu.br